

Afinidades e estranhamentos pelas estéticas da linguagem: um estudo de caso no ensino e na aprendizagem do alemão

Marilene Santana dos Santos Garcia¹
Jaqueline Becker²

Resumo: Este artigo discute aspectos da estética da língua alemã que, direta e indiretamente, alimentam o imaginário dos aprendizes, podendo impactar em seu processo de aprendizagem e de ensino, tanto por conta de afinidades quanto de estranhamentos produzidos nesse contexto. O objetivo é elucidar o que move a formação das referidas estéticas que, por um lado, aproximam, mas, por outro, podem produzir distanciamentos da língua-alvo. A metodologia utilizou registros do pesquisador-participante, informações sobre as percepções dos alunos, relatos das experiências produzidas em sala de aula de língua alemã para iniciantes, formatando um estudo de caso. Os autores abordados, entre outros, foram Silva (2007) e Santos (2002). Os resultados apontam para uma estética de expectativa construída por percepções e um imaginário sobre a língua alemã, afetando processos de ensino e aprendizagem, devendo-se incorporar à reflexão do professor na preparação e condução de sua aula.

83

Palavras-chave: Ensino e Aprendizagem. Didática. Línguas estrangeiras. Estéticas das línguas.

¹ Marilene Santana dos Santos Garcia é professora e pesquisadora do Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias Uninter e professora de alemão como língua estrangeira. E-mail: marilene.g@uninter.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9397-5346>

² Jaqueline Becker – aluna do Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias Uninter. E-mail: jaque.becker@yahoo.com.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5812-9355>

Abstract: This article discusses aspects of the aesthetics of the German language that directly and indirectly feed the learners' imagination and can impact their learning and teaching process, both due to affinities and strangeness produced in this context. The objective is to elucidate what moves the aforementioned aesthetics that, on the one hand, approach but, on the other hand, can produce distances from the target language. The methodology used the researcher-participant's records, information about the students' perceptions, reports of the experiences produced in the German language classroom for beginners, formatting a case study. The authors discussed, among others, were Silva (2007) and Santos (2002). The results point to an aesthetic of expectation built by perceptions and an imaginary about the German language, affecting teaching and learning processes, and should be incorporated into the reflection of the teacher in the preparation and conduct of his class.

Keywords: Teaching & Learning. Didactics. Foreign languages. Aesthetics of languages.

Introdução

O presente artigo trata das estéticas que permeiam ensino e aprendizagem de língua estrangeira, neste caso, do idioma alemão, com o intuito de ampliar a percepção de quem aprende e ensina a referida língua. Busca-se iluminar fatores que não estão explícitos nas relações professor/aluno, mas que afetam diretamente seus resultados, tanto favorecendo quanto dificultando o acesso ao alemão como língua estrangeira.

A metodologia aplicada parte de uma pesquisa-participante, com levantamento e análise de *corpus* constituído por situações extraídas de sala de aula e de outros exemplos presentes em livros didáticos e gramáticas do alemão. Nesta análise, o pesquisador-participante observa e registra também manifestações de seus alunos, tendo como foco as afinidades/proximidades, bem como os estranhamentos/distanciamentos estéticos, o que leva a valorizar, paralelamente às questões didático-pedagógicas, as questões interculturais, históricas, interpessoais e motivacionais que implicam aprender a referida língua.

Essas estéticas se manifestam em diferentes suportes, sejam eles linguísticos, comunicativos, (inter)culturais, sociais, por reminiscências culturais e históricas e mesmo psicológicas. Abrangem, também, variados aspectos, que vão desde à recepção positiva, chegando-se à rejeição, ou mesmo à construção imaginária de dificuldades frente à aprendizagem do alemão, entre elas: os obstáculos para entender, pela sonoridade da língua, a articulação na produção dos sons; a construção de frases e de expressões de sentido comunicativo.

As estéticas a partir de afinidades e estranhamentos

Estética é palavra originária do grego - aísteses (percepção). Associada à beleza, ao pensamento filosófico e às artes, abrange ainda a produção de emoções desencadeadas a partir do que se considera belo. Influentes filósofos, de diferentes épocas, como os clássicos Aristóteles e Platão, bem como Kant (1724-1804) e Hegel (1770-1831), Adorno (1903-1969) e estudiosos da linguagem, como Mikhail Bakhtin (1895-1975), já se inquietavam com o tema, dedicando-lhe reflexões.

Nos processos de ensino e aprendizagem do idioma alemão como língua estrangeira, em contexto brasileiro, emergem motivos relevantes para resgatar o tema da estética, que é normalmente relacionado à arte e à produção cultural, abordagens que influenciam tanto o lado de quem aprende quanto de quem ensina.

A estética pode ser definida, a princípio, no contexto analisado, como aquilo que é ouvido, visto e sentido com o potencial de causar conforto e criar afinidades à percepção humana. Contudo, quando se percebe a carência dessas condições de conforto, chega-se ao incômodo e ao estranhamento e, conseqüentemente, à criação de barreiras para o acesso à língua alvo.

Pode-se também tomar o termo estética a partir de parâmetros arraigados na cultura e nas relações sociais, que se projetam nos processos de aprendizagem e ensino de língua estrangeira, seja esta estética ligada aos mais variados motivos, como um filme, uma ópera, uma dança, à culinária e a apresentação de um prato, uma canção, uma forma de expressão teatral.

A estética cultural e linguística da língua-alvo fornece uma base de conteúdos para a aprendizagem e pode, dependendo das escolhas, trilhar um caminho mais prazeroso ou, ao contrário, de dificuldades.

Silva (2007, p. 259), ao fazer um levantamento teórico sobre o conceito de crenças no ensino e aprendizagem de línguas, aponta:

Levando-se em consideração a relevância desse importante conceito nas pesquisas em LA, recai sobre os professores, alunos e pesquisadores da LA uma grande responsabilidade, que é dar contorno e sentido a esse novo paradigma que se vislumbra na LA. E isso só será possível, conforme assevera Barcelos, Batista e Andrade (2004, p.34), se tivermos “tempo em nossas aulas para discutir essas questões e os resultados de nossas investigações com os alunos”. Se assim procedermos, estaremos ajudando os nossos alunos “a serem mais reflexivos”, e os mesmos, por sua vez, encontrarão “soluções para os problemas” que porventura possam enfrentar no complexo processo de aprender línguas.

Para se chegar ao domínio de uma língua estrangeira (no nosso caso, o alemão) deve haver, constantemente, observação das funções estéticas que direta ou indiretamente interferem na aprendizagem, nas suas representações, *performance* linguístico-comunicativa e produtividade. A figura do professor parece ser fundamental no tratamento desses aspectos, tornando-se um mediador quando questões relacionadas à estética interferem nas práticas de sala de aula.

Santos (2002, p. 01), em estudos sobre o ensino e a aprendizagem do espanhol como língua estrangeira, enfatiza uma forma de imaginário presente nos estudantes:

Além do imaginário sobre a distância entre as duas línguas, também acredito que exercerão influência no processo de aquisição/aprendizagem do espanhol as imagens que os estudantes têm sobre as culturas e os países que estão envolvidos nesse processo. A relação com o estrangeiro está marcada pela atração, pela rejeição, ou ainda —o que talvez seja mais frequente—, por movimentos contrários motivados ora por uma, ora pela outra. Pesa o valor que se dá à cultura ou ao grupo a que se pertence e se as características atribuídas ao outro grupo são valorizadas ou não, se é um grupo ao qual se deseja pertencer.

Esse imaginário, citado por Santos, é elemento importante, mas por vezes deixado de lado, mesmo ligado a motivos de desistência ou persistência nos estudos do alemão. Apesar da grande variedade de recursos, como emergência de aplicativos e plataformas da internet que viabilizam acessos e aprendizagens de idiomas, o professor tem um papel relevante na orientação de caminhos de aprendizagem pela mediação que conduz (GARCIA, 2014; 2017).

Os alunos de línguas estrangeiras têm autonomia para acessar aplicativos, *sites*, vídeos, áudios, materiais originais e ou tornados didáticos, exercícios com autoavaliação, contatos com falantes nativos, pesquisas em repositórios. Contudo, isso não apaga construções pré-estabelecidas sobre proximidades e estranhamentos ao aprender outro idioma. Para Silva:

Nessa relação profundamente complexa de rechaço, idealização, dificuldade, gostar e não gostar, estão presentes as línguas todas que falamos, a da gramática normativa, a das aulas de português da escola, as das diferentes regiões luso-parlantes. (2002, p.2).

A perspectiva de análise de Silva (2002) acrescenta elementos interessantes à reflexão. Embora se reporte ao idioma espanhol, elementos como o rechaço, idealização e dificuldade, antecipam relações de tensão na hora de aprender qualquer língua estrangeira (LA).

A partir dos próximos tópicos vamos destacar algumas estéticas como: formas significadoras da língua-alvo; expectativas e imagens preconcebidas sobre a língua-alvo; expressão sonora, a estética da palavra; a expressão oral, a estrutura gramatical; empréstimos do latim e empréstimos na forma de anglicismos, a fim de exemplificar proximidades e distanciamentos da língua-alvo.

As formas significadoras da língua-alvo

Algumas questões para o início dessa reflexão: a palavra é signo verbal, unidade de comunicação, um composto de significante e significado envolvido em relação arbitrária, porém intrinsecamente dependente de práticas sociais. Como essas diferenças sógnicas envolvendo significante/significado, construídos em situações de sala de aula, viabilizam a aprendizagem de língua estrangeira? Qual a relação existente entre o domínio da língua materna e os novos sistemas significadores em língua estrangeira? Como os aprendizes se aproximam da língua estrangeira e se desvencilham destes processos de apoio da língua materna? As estéticas culturais e linguísticas têm alguma função nesse processo?

As respostas a essas questões podem estar na percepção semiótica da tarefa de aprender e ensinar um idioma, o que deve incluir a noção de linguagem (não só verbal) como forma principal de produção e reprodução de significados sociais. Segundo Turner (1997), a semiótica entende o significado social como produto das relações construídas entre signos. Dessa forma, pode parecer viável pensar que, embora construída social e dinamicamente, a arbitrariedade entre significante e significado se torna uma propriedade estética inerente à representação que o falante faz de sua língua materna³.

Contudo, no processo de aprendizagem de LA, a relação significante/significado se apresenta, inicialmente, como uma unidade fechada, indivisível, com poucas aberturas para significados conotativos, principalmente porque ainda faltam elementos para os aprendizes atribuírem valores culturais e sociais a tais significados. Isso promove a mobilização de associações. Daí, podem-se inferir as origens dos estranhamentos e as afinidades em função de tais representações.

Expectativas e imagens preconcebidas sobre a língua-alvo

Existem pressupostos fortes que se associam ao imaginário criado sobre a língua e cultura alemã: Freud escreveu seus originais, inaugurando a psicanálise no idioma alemão; Karl Marx elaborou “O Capital” também nesse idioma. Kafka produziu sua literatura singular usando o alemão. Kant escreveu tratados filosóficos em alemão, Einstein desenvolveu teorias da física. Beethoven e Mozart difundiram a

³ Embora se prevendo deslocamentos dos significados denotativos para os conotativos.

música para o mundo a música a partir do contexto europeu-alemão, entre outros significativos exemplos, que reforçaram a construção de imagens sobre o poder descritivo, argumentativo, científico e cultural das nações das quais provem o idioma alemão.

Assim, ao longo de anos, a língua alemã (não apenas em processo de ensino e aprendizagem) tem gerado imagens estéticas de uma língua de domínio de filósofos⁴ que se envolveram em formulações profundas sobre o pensamento, a técnica, as artes, a tecnologia e a vida.

A partir da perspectiva linguística-gramatical, o alemão é conhecido como a língua das declinações⁵, ou das extensas palavras formadas por justaposição⁶, ou mesmo como a língua que nas orações subordinadas o verbo deve vir no final. É lembrada como língua dos verbos desmembráveis, cuja primeira parte é conjugada, deixando para o final da frase um fixo componente relacionado⁷, que deve ser resgatado para a formulação do sentido.

Entre as línguas modernas, o idioma se destaca por marcar a declinação de casos sintáticos, tanto na língua escrita quanto na falada, exigindo de seus aprendizes adultos uma elaboração cognitiva mais aprofundada, o que implica o domínio das funções sintáticas para produções gramaticalmente aceitáveis, deixando pouco espaço para formulações que dependam de repetições e memorizações automáticas. Para falar o alemão é necessário um esforço cognitivo contínuo.

O aprendiz adulto/brasileiro de alemão inicia seu curso trazendo, inevitavelmente, imagens e expectativas já formadas sobre essa língua e suas linguagens. Ele se depara, inicialmente, com estéticas sonoras dos significantes e deve evoluir, posteriormente, para compreender os seus diferentes significados a partir de contextos. Uma forte hipótese é de que o aprendiz parte de uma

⁴ Citando Caetano Veloso, no texto da canção de sua autoria chamado “Língua”, em que declara: “só se pode filosofar em alemão”.

⁵ Há quatro declinações no alemão: nominativo; acusativo; dativo e genitivo. O princípio de declinação vem do latim culto e ocorre por meio da função sintática das palavras e aplicação de terminações para distingui-las.

⁶ A justaposição é um dos mecanismos mais usados para a geração de palavras, por exemplo: Haustür (porta da casa). Este assunto será também trabalhado a seguir.

⁷ Em alemão esse tipo de verbo é denominado “Trennbare Verb”. Um exemplo: Ich stehe immer um 7.00 Uhr auf. Eu levanto sempre às 7h00.

representação estética, formada em seu imaginário, e vai testando-a ao longo da aprendizagem da língua estrangeira, chegando à sua confirmação ou negação.

Além desses aspectos, ele elabora comparações e associações, incluindo não só sua língua materna, mas também outras línguas mais próximas, como o inglês ou espanhol, que garantem uma experiência de aprendizagem relevante em termos de domínio de estéticas de linguagens e de comunicação.

Nesse sentido, infere-se que as imagens, previamente arraigadas na representação simbólica e linguística do aprendiz de alemão, indicam tanto fatores de dificuldade (estranhamento) como também elementos de facilidade. As “afinidades”, nas situações de sua aprendizagem, são elementos que motivam estudantes a irem em frente. Esses aspectos parecem indicar uma relação intrínseca entre a estética das línguas, seja a partir da língua de chegada, seja a partir da língua materna. Essa situação evidencia que o papel do professor deve ir além do domínio linguístico-gramatical e comunicativo, ampliando-se para os âmbitos cultural, motivacional e persuasivo, com orientação crítica sobre essas imagens estéticas.

As próximas seções deste artigo exploram outros elementos de percepções de estética da língua.

A estética da expressão sonora

Para tratarmos sobre a estética da expressão sonora do alemão, vamos inicialmente analisar o registro abaixo de conversa entre o pesquisador-participante e um aluno.

Caso 1

Aluno: - *Ixi? Eu falo eu assim? Ixi? (tentativa de falar “ich” – na primeira aula)*

Pesquisador-participante: - *Não, não precisa pronunciar a vogal no final da palavra. Este “i”, não tem. - Podemos tentar novamente? Vamos ver se você consegue agora! Também tem de ser surda, nada de chiado ao falar.*

Aluno: - *“Ixi”. Não está igual ao seu, acho que tenho de tirar este “i” no final como você me falou. Não tem mais nenhuma forma de me ajudar a falar? Algo do português que se aproxime a isso?*

Pesquisador-participante: - *Exatamente como no alemão não tem, mas você pode ir se*

acostumando aos poucos e fazendo algo próximo, que a gente acaba escutando como se fosse assim. Esse som não tem no português. Tente imitar como falo.

Aluno: - *Vamos tentando, mas é difícil, muito diferente do que conheço em português.*⁸

A percepção da estética da sonoridade em língua estrangeira parte de duas perspectivas de estranhamento: uma vem da de quem fala, ou seja, de quem produz as palavras/com articulação, ritmos, pausas, ênfases, respiração, enfim, do ato de fala individual, com articulações não familiares. A outra perspectiva de estranhamento vem de quem interage com este tipo de comunicação em língua estrangeira, ou seja, de quem ouve a enunciação do aprendiz e tem a tarefa de reconhecimento dos fonemas e aprimoramento do domínio da estética sonora, corrigindo performances, distinguindo e orientando caminhos de apoio para produção.

Quem produz e articula as palavras em língua estrangeira, quando adulto, procura necessariamente apoio nas formas de articulação que já domina na língua materna. Nos adultos, as formas já estão amadurecidas, estabelecidas pela prática de uso do idioma nativo ou de outros domínios linguísticos. Quando o aprendiz fala o alemão busca semelhanças em seus hábitos articulatórios, transferindo-os ao ato de fala do idioma estrangeiro.

O professor procura apoios didáticos, externos à língua, e que fazem parte de sua prática docente, amparados por uma didática personalizada sobre tais dificuldades. No exemplo apresentado, constata-se: é como se houvesse uma adaptação de pronúncia “permitida” em sala de aula, para que a comunicação em língua estrangeira possa ancorar-se em algum suporte, ou seja, no que já se conhece e poderá dar resultados mais satisfatórios. Trata-se de uma comunicação com código de significados paralelos. É a metalinguagem do ensino, a qual é importante para estabelecer fortes vínculos didáticos e avançar na aprendizagem.

O processo de incorporação do hábito articulatório, comunicativo e cognitivo do aprendiz de língua estrangeira dependerá não só de fatores individuais, como a produção do ato de fala e pressupostos cognitivos, mas também da consciência do estranhamento estético das palavras no ambiente de uso ou simulação/ensaio da língua.

⁸ Exemplo de conversa gravada e extraída de uma aula de língua alemã para iniciante. Professor não-nativo explicando a pronúncia do alemão.

Isso significa dizer que nas situações de simulação de uso de língua estrangeira em território não estrangeiro, no caso, a sala de aula, território possível de realização, procura-se pactuar com as formas de proximidade sonora da língua estrangeira para que minimamente se avance na função articulatória. A pronúncia do “ich”, para alguns aprendizes, vai paulatinamente avançando posições articulatórias, partindo do nível mais sonoro e finalizado com uma vogal “i” para se chegar ao que nível mais aceito na comunicação de falantes estrangeiros com nativos.

Trata-se, nesse caso, da percepção de um estranhamento estético de natureza auditiva-cognitiva, relevado na “convivência” das práticas de ensino, decorrentes de fatores interculturais e processos de facilitação de acesso articulatório da língua que se aprende.

Outro caso a ser destacado é o da pronúncia do /r /e do /h / por brasileiros ao falarem o alemão. Esta diferença sonora deve ser constantemente trabalhada, para não gerar danos comunicativos ao ouvinte nativo.

Ich kaufe eine rote Hose/ oder eine rote Rose?

Eu compro uma calça vermelha ou uma rosa vermelha?

A estética da estrutura da palavra – exemplo da justaposição

O alemão apresenta um grande número de palavras formadas por justaposição, muitas vezes são vocábulos muito extensos, que exigem o conhecimento das pausas internas e bem marcadas no meio do termo, a fim de que possa ser pronunciado.

Um exemplo:

Volkswagen = Volk + Wagen⁹

Volkswagenkarrosserie = Volk + Wagen + Karrosserie

Volkswagenkarrosseriefabrik = Volk + Wagen + Karrosserie + fabrik

A estrutura a partir da justaposição, mecanismo de composição de palavras bastante comum no alemão, proporciona um estranhamento inicial no aprendiz brasileiro, apresentando-lhe antecipadamente preocupações sobre como poder pronunciar e compreender tão longas palavras. Em comparação com o português, o alemão é uma língua sintética, concisa, já o português é analítico, precisa de muitas palavras para expressar pensamentos, sejam simples ou complexos.

⁹ Nesse tipo de justaposição deve-se acrescentar o “s” para auxiliar na pronúncia.

Para entender as justaposições, o aprendiz deve alterar seu sistema de busca de sentido referencial, elaborando hipóteses de como extrair os significados. Neste caso: “*Volkswagenkarrosseriefabrik*” = “fábrica de carrocerias da Volkswagen”, deve-se raciocinar de forma contrária à organização dos termos em português.

A estética da expressão oral

Também existe uma estética própria da expressão oral. Um dos exemplos que destacamos é a formação dos números e a leitura destes. Para Martinet:

É preciso ter sempre presente no espírito esse caráter primordialmente vocal da linguagem (...). A natureza vocal da linguagem humana não é, pois, um aspecto periférico, mas um traço fundamental sem o qual a organização da comunicação seria completamente diferente da que conhecemos” (MARTINET, 1971, p.17).

Assim, sobre a estética da expressão oral, pode-se recorrer ao exemplo dos números, que contempla duas formas de leitura:

- a) 1965 (leitura de data) – neunzehnhundertfünfundsechzig
- b) 1965 (leitura de número/quantidade/valor) - tausendneunhundertfünfundsechzig

São palavras desafiadoras pela estética de sua expressão oral, quando se pensa nas pausas e na respiração com base na língua materna. Além disso, deve-se ter atenção quanto à troca de padrão de leitura para a mesma representação numérica. As duas formas de leitura dos números, atendem a diferentes necessidades de comunicação e provocam estranhamentos pela inversão de raciocínio sobre a estrutura dos números, primeiro vem a unidade, depois a dezena. O modo de construção do pensamento e a grande quantidade de consoantes promoveram uma reação de autodefesa de aprendizes de alemão:

Aluno 1: - *Isso eu não vou conseguir falar, de jeito nenhum. Quando eu vou respirar? Onde estão as vogais? Só tem consoante aqui.*¹⁰

Aluno 2: - *Eu tentei aprender o alemão, mas depois que eu me deparei com aquelas palavras quilométricas, eu acabei desistindo. Achei que não iria acompanhar. Lembro-me de quando comecei a aprender os números: coisa que vinha de trás para frente, eu tinha de falar: “oito*

¹⁰ Transcrição da reação de um aluno ao ver a palavra apresentada em uma das aulas de alemão.

e sessenta” para dizer “sessenta e oito” e a palavra era enorme. Aí, neste ponto, eu já acabei desistindo. Foi uma barreira para mim já de cara.

Tal estranhamento prenuncia uma barreira psicológica ativada pela percepção estética da palavra. A avaliação pessoal do aprendiz mobiliza o imaginário das dificuldades e desafios.

Esse tipo de obstáculo, visto como ameaça constante para quem inicia seus estudos de alemão, permanece por muito tempo ao longo da aprendizagem. Altera-se em função da experiência dos aprendizes e da capacidade de reconhecerem essas formas como estética.

Pesquisador- participante: *Como você se sentiu no início quando começou a estudar alemão?*

Aluno1: - *No começo me assustei com o alemão, quando vi aquelas palavras quilométricas, parecia que não poderia vencê-las, achava que era uma grande barreira para mim.*

Pesquisador: *E agora não é mais uma barreira?*

Aluno1: - *Acho que não, consegui quebrar aquela ideia de que não iria conseguir falar, nem entender. Agora tenho as dicas de como entender, ficou mais interessante assim.*¹¹

Assim, os estudantes aprendem a enfrentar as dificuldades com maior segurança, decifrando mais rapidamente a oferta lexical, não só no que diz respeito à pronúncia, como também à produção e à adequação pragmática e semântica. Conforme vão amadurecendo ao longo do curso, são assessorados sobre esses sentidos.

A expressão estética da estrutura gramatical

O idioma alemão também produz uma série de estranhamentos, no âmbito de sua estrutura gramatical, para o aprendiz falante de português. Primeiro, pela estrutura sintática, de certa forma bastante organizada e sistematizada de modo a disciplinar as construções da sintaxe da língua (a marcação das variações sintáticas, os chamados casos e suas declinações). Sem a internalização prévia de esquemas

¹¹ Depoimento de uma aluna de alemão que já estuda a língua há dois anos.

e estruturas da sintaxe, haveria poucas “brechas” ou improvisos para construir estruturas do alemão.

Para um adulto, é muito difícil ser produtivo em língua alemã sem trabalhar com hipóteses sobre o funcionamento linguístico. Praticamente, não há espaço para a repetição de frases sem uma reflexão sobre o porquê de os elementos da frase ocuparem, obrigatoriamente, certas posições, por que determinadas palavras recebem ou não desinências de declinações. Esse raciocínio sintático, para uso de desinências, influencia diretamente a produção linguística-comunicativa do alemão.

Portanto, o alemão é uma língua que exige de seu aprendiz alto esforço cognitivo, processos de memória, domínio das regras e aplicação de casos sintáticos. Deve-se articular mais uma série de informações a serem dominadas simultaneamente, para que se alcance o nível comunicativo-linguístico satisfatório¹².

Na linha dos estranhamentos, o alemão mantém sua precisão no tratamento dos sentidos pelo uso de terminações nas palavras, que favorecem a sintaxe, a morfossintaxe e o seu léxico. Há uma combinação entre o domínio lexical, guarnecido de inúmeras palavras, para a precisão lógica, reforçando o estranhamento a partir do domínio para se sentir pronto para usar essa língua em situações reais de comunicação.

Aprender o alemão pode ser uma interessante e desgastante combinação entre competências de memória, de cognição e de comunicação. A memória dá conta dos acessos lexicais, acompanhados das variedades de gêneros, que são três: masculino, feminino e neutro. A condição cognitiva do aprendiz promove os mecanismos mentais de raciocínio para colocar tudo no lugar correto na estrutura da oração, recuperando sistemas e regras já aprendidas, assim produzindo comunicação apropriada.

A gramática normatiza também a construção dos períodos por subordinação e por coordenação, intensificando o raciocínio de quem aprende por conta do valor e do lugar de destaque do verbo. Exemplos:

“weil ich gut Deutsch sprechen kann.

“obwohl ich noch Deutsch lernen muss, versuche ich schon was zu sprechen.

¹² Seria difícil prever que um adulto aprenderia alemão “de ouvido”.

As palavras em negrito mostram os verbos nas orações, de modo a prover uma estética de distribuição dos elementos na frase de acordo com a forma subordinativa, no caso, gerada pelas conjunções subordinativas “weil” (porque) e “obwohl” (embora) que obrigam o verbo a ficar no final da oração.

A competência comunicativa se encarrega de dar sentido ao processo de produzir a linguagem, utilizando com efeito e eficácia tais recursos aprendidos. A gramática da língua escrita exige sistemas reconhecidos que orientam as escolhas, a combinação das palavras para formar as expressões e a criação de significados. Não obstante, deve-se associar a essas constatações os objetivos a serem atingidos com a aprendizagem do idioma, que não necessariamente deve implicar o domínio simultâneo de competências para escrita, fala e compreensão auditiva.

As afinidades e estranhamentos pelos empréstimos do latim

Os empréstimos linguísticos de origem latina criam algumas afinidades e, simultaneamente, estranhamentos, ou mesmo surpresas, no processo de aprendizagem do alemão. Há grande quantidade de palavras muito próximas em grafia e em sentido ao português, como: *servieren* (servir), *reklamieren* (reclamar), *studieren* (estudar), *diskutieren* (discutir). Por outro lado, muitos desses empréstimos do latim promovem falsos cognatos, que em função de sua estética sonora e gráfica criam estranhamentos, como por exemplo: *absolvieren* (concluir estudos); *das Akzent* (sotaque); *die Art* (jeito); *die Balance* (equilíbrio), *der Balkon* (varanda de apartamento); *die Kanne* (jarra); *der Kompass* (bússola); *die Mappe* (pasta); *die Pasta* (macarrão, massa); *die Dose* (*lata de refrigerante, de conserva*) *Sorte* (tipo, gênero, espécie).

As afinidades pelos empréstimos do inglês (anglicismos)

No nível coloquial da linguagem, estendendo-se também aos registros escritos de nível culto, o alemão tem permitido cada vez mais a incorporação de léxico e de expressões do inglês, os chamados anglicismos. Quando escritos, geralmente aparecem em artigos de jornais e de revistas, blogs e *sites* da Internet. Frequentemente, esses termos têm conservado a sua escrita original no contexto textual alemão.

Um aspecto a destacar é a adaptação da terminação de alguns verbos do inglês à forma do infinitivo em alemão, que apresenta terminação “n”, como: *relaxen* (relaxar), *shoppen* (fazer compras), *jobben* (trabalhar nas férias) e *joggen* (praticar jogging).

Há, também, alguns estrangeirismos, decorrentes do inglês, que têm um correspondente em alemão. Seu uso ocorre mais nas comunicações coloquiais, como elementos atualizadores das formas de linguagem. Exemplos: *slip* (*schlüpfen*), *box* (*Schachtel*), *body lotion* (*Leichenflüssigkeit*), *wc - water closet* (*Wasserwandschrank*), *pad* (*Polster*), *Team* (*Gruppe*).

Já outras incorporações do inglês não encontram correspondentes em alemão, ou estão desatualizadas em seu uso. Os exemplos seriam: *Trainer*, *Manager*, *Drink*, *Mobbing*, *One-Night-Stand*, *Link*, *Party*, *Clown*, *Comic*, *Star*, *Cowboy*, *Container*, *Cool*, *Trend*, *Flyer*, *Blockbuster*, *Gentleman*, *Ticket*, *Hobby*, *Camping*, *Image* unter anderen.

Os usos de palavras do inglês no alemão criam vínculos e proximidades, as referidas afinidades com o aprendiz brasileiro, minimizando outros tipos de estranhamentos linguísticos relacionados ao léxico. Em tese, o inglês é uma língua “mais familiar” aos falantes do português do Brasil, acelerando a aprendizagem de alguns campos lexicais, no nível coloquial.

Considerações Finais

As estéticas que conduzem ao estranhamento ou às afinidades na aprendizagem do alemão apontam que não se pode desprezar a influência dos imaginários coletivos, culturais e afetivos, previamente conhecidos pelos aprendizes, ao longo de sua maturidade linguística, a partir de experiências de uso da língua materna e de aprendizagem de outras línguas estrangeiras.

Tal processo se fundamenta não só em esquemas comparativos linguístico-comunicativos, como também interculturais, promovendo toda forma de adequação, resignificação e reapropriação. Há um jogo claro entre o que “há” na língua materna e o que “não há”, partindo-se para o próximo passo, normalmente nos cursos iniciais, de promover suportes adaptativos e aproximadores ao que já se domina e conhece.

A articulação de fonemas foi um dos exemplos mencionados neste artigo, cuja adaptação à língua estrangeira é feita até que se atinja o nível de pronúncia

satisfatório para a comunicação em língua estrangeira. Nesse processo, o ouvido é o primeiro porto de chegada dos estranhamentos e também o lugar de aprovação das adaptações sonoras. A pronúncia e a articulação de sons e ritmos são diferenciais importantes que cada língua traz como a sua identidade sonora. Normalmente, procura-se identificar algo que já se conhece, que já se ouviu, para poder criar as pontes a partir do primeiro aporte da sonoridade.

Os elementos estéticos, que necessariamente passam pelo filtro da língua e da cultura materna, podem promover um suporte importante para a aprendizagem do alemão, criando vínculos afetivos e de identidade (aspectos comunicativos, linguísticos-pragmáticos e culturais estão aí implicados, facilitando o acesso ao idioma). O contrário também é possível: a estética colabora na mobilização de um imaginário negativo, que desencadeia travamentos psicológicos e preconceituosos, limitando o acesso inicial à língua-alvo.

Conclui-se que as estéticas das línguas trabalham como elementos de suporte de um jogo de imagem aceito, negociado, ou mesmo rejeitado, entre os atores envolvidos, professores e alunos de línguas. Isso deve ser considerado nas relações de ensino e aprendizagem do alemão, pois influencia as formas de enfrentamento das primeiras crises e dificuldades no estudo do idioma, o qual é ao mesmo tempo instigante e desafiador. Dessa forma, tal análise investigou o valor das relações de um imaginário cultural e linguístico no contexto de aprendizagem de línguas, adicionando aspectos motivacionais e afetivos, inerentes à tarefa de quem ensina e de quem aprende.

Referências

BAUSCH, Karl-Richard; KÖNIGS, Frank G.; KRUMM, Hans-Jürgen (Editor): **Fremdsprachenlehrausbildung. Konzepte. Modelle. Perspektiven.** Tübingen: Narr, 2003.

GARCIA, Marilene S. S. Mobile-Learning – do acesso às oportunidades de aprendizagem. In **Revista da Associação Brasileira de Tecnologia**, Rio de Janeiro, número 206, p. 70-83, 2014.

_____. **Mobilidade tecnológica e Planejamento Didático.** São Paulo: Senac-SP, 2017.

KESSEL & REIMANN, **Basiswissen Deutsche Gegenwartssprache,** Tübingen (Fink), 2005.

MARTINET, André. **Linguística Sincrônica.** Rio de Janeiro, Biblioteca Tempo Universitário, 1974.

SANTOS, Hélade Scutti. O papel de estereótipos e preconceitos na aprendizagem de línguas estrangeiras.. In: **CONGRESSO BRASILENO DE HISPANISTAS, 2.,** 2002, São Paulo. **Proceedings online.** Associação Brasileira de Hispanistas, Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000100029&lng=en&nrm=abn>. Access on: 30 Mar. 2018.

SILVA, Kleber A. Crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas na Linguística Aplicada: um panorama histórico dos estudos realizados no contexto brasileiro. In **Revista Linguagem e Ensino.** V. 10, número 1, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/162>. Acesso em 30/03/2018.

STORCH, Günther. **Deutsch als Fremdsprache – Eine Didaktik.** 2. Aufl. München: Fink, 2001.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social.** São Paulo: Summus editorial, 1997.